

A EXPERIÊNCIA DA VIAGEM, DA (DES)TERRITORIALIZAÇÃO E DO CONFLITO NOS ROMANCES DE LUÍS CARDOSO

THE EXPERIENCE OF TRAVEL, (DE)TERRITORIALIZATION AND CONFLICT WITHIN LUIS CARDOSO NARRATIVES

Pedro d'Alte*
pedrodalte@outlook.pt

A produção romanesca de Luís Cardoso torna literária a experiência biográfica de muitos timorenses, a qual se caracteriza, entre outros aspetos, por processos de desterritorialização e reterritorialização. As movimentações representadas, efetivas ou simbólicas, logram colocar em evidência todo o tipo de polarizações: diferenças étnicas e religiosas; clivagens sociais e políticas; o mito e o facto; a possibilidade e a impossibilidade. O exercício, que aqui se apresenta, analisa o percurso evolutivo das personagens cardosianas (Takas, Lucas Santiago, Pigafetta, Evaristo de Aquino e a narradora anónima d'*O Plantador de Abóboras*) à luz dos binómios anteriores e, também, enquadrando tais deslocações em diferentes planos: o da própria viagem; o da fragmentação do eu; o da identidade e o do exílio. É de crer que a análise das diferentes personagens permita visitar um mosaico polifónico e caleidoscópico do que foram as vivências e as experiências de muitos timorenses - especialmente ao longo do século XX e nas primeiras décadas do presente século – contribuindo, ainda num sentido mais amplo, para a construção de conhecimento sobre países da lusografia.

Palavras-chave: Literatura portuguesa a Oriente. Literatura timorense. Viagem. Conflito. Luís Cardoso.

Luís Cardoso's narratives makes the biographical experience of many Timorese literary, which is characterized, among other aspects, by processes of deterritorialization and reterritorialization. The represented movements, whether effective or symbolic, manage to highlight all kinds of polarizations: ethnic and religious differences; social and political cleavages; myth and fact; possibility and impossibility. The exercise, presented here, analyzes the evolutionary path of Cardosoian characters (Takas, Lucas Santiago, Pigafetta, Evaristo de Aquino and the anonymous narrator of *The Pumpkin Planter*) in the light of the previous binomials and, also, framing such displacements in different plans: the journey itself; that of the fragmentation of the self; that of identity and that of exile. It is to be believed that the analysis of the different characters allows us to revisit a polyphonic and kaleidoscopic mosaic of what were the experiences of many Timorese – especially throughout the 20th century and in the first decades of the present century – contributing, even in a broader sense, for the construction of knowledge about Lusographic countries.

Keywords: Portuguese literature in Orient. Timorese literature. Journey. Conflict. Luis Cardoso.

* Doutor em Estudos da Criança, na Universidade do Minho. Centro de Investigação em Estudos da Criança do Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga, Portugal. Colabora, atualmente, com o Instituto Politécnico de Macau. ORCID: 0000-0001-7264-9106.

1. Introdução

O romancista timorense Luís Cardoso de Noronha (* 1958) nasce em Cailaco, no interior de Timor-Leste. O turbilhão político decorrente da *Revolução de Abril de 74* favorece a saída de Cardoso para Portugal. Em terras lusas, pelo usufruto de uma bolsa de estudo, o timorense prossegue a sua formação académica e licencia-se em Silvicultura pelo Instituto Superior de Agronomia de Lisboa onde seria colega do escritor Eduardo Agualusa.

É também em Portugal que inicia a carreira literária com a publicação de *Crónica de Uma Travessia – A Época do ai-dik funam* (1997). A este título, sucedem-se outros: *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo* (2001); *A Última Morte do Coronel Santiago* (2003) e *Requiem Para o Navegador Solitário* (2007). Após um breve período sem editar novos livros surge, em 2013 e pela Sextante Editora, *O Ano Em Que Pigafetta Completou a Circum-navegação*. Quatro anos mais tarde, o público leitor recebeu, pela ação da mesma editora, *Para Onde Vão os Gatos Quando Morrem?* (2017). Em novembro de 2020, pela chancela da Abysmo, chega a obra *O Plantador de Abóboras* (2020).

Conforme se tem vindo a reconhecer, no conjunto da produção do autor timorense, são múltiplas as particularidades que fazem parte do que se poderia entender como estilo *cardosiano* na construção da narrativa, a saber: a emergência de um imaginário de forte ressonância antropológica; a transposição de aspetos nativos para a arquitetura do livro e para a progressão da diegese; a metaficção; o revisionismo historiográfico; uma forte intertextualidade, sobretudo entre as obras do autor, que é potencializadora da polifonia e do palimpsesto; a omnipresença de Timor como tema, espaço e, de certa forma, como personagem (d’Alte 2014, 2019, 2020; Ramon 2014; Ramos 2018).

Para o presente exercício, é particularmente relevante o trinómio espaço-tema-personagem. De facto, o romance cardosiano apresenta, com elevada frequência, personagens em trânsito, figuras que evidenciam o drama da desterritorialização e uma progressiva erosão identitária. A observação é possível pela leitura da narração das migrações – sejam estas efetivas ou de cariz meramente simbólico, isto é, sem qualquer alteração espacial relevante. As deslocações que melhor representam a desterritorialização e o conflito identitário de que se fala são efetuadas pelas seguintes personagens: Takas, Lucas Santiago, Pigafetta, Ernesto e, mais recentemente, pela narradora d’*O Plantador de Abóboras*. Os *seres de papel* surgem, respetivamente, nos romances *Crónica de uma Travessia. A Época do Ai-dik Funan* (1997); *A Última Morte do Coronel Santiago* (2003), *O Ano Em Que Pigafetta Completou a Circum-navegação* (2013), *Para Onde Vão os Gatos Quando Morrem?* (2017) e *O Plantador de Abóboras* (2020).

As movimentações espaciais, temporais e/ou psicológicas, logram colocar em evidência todo o tipo de polarizações: diferenças étnicas e religiosas; clivagens sociais e políticas; o mito, a história e o facto; a possibilidade e a impossibilidade. Para o presente exercício, interessa analisar o percurso evolutivo das personagens à luz do enquadramento

anterior e, também, situar tais deslocções em diferentes planos: o da viagem; o da fragmentação do eu; o da identidade e o do exílio. É de crer que a análise das diferentes personagens permita revisitar e ler um mosaico polifónico do que foram as vivências e as experiências de muitos timorenses ao longo do século XX e, também, nas primeiras décadas do presente século. Paralelamente, também se permite uma contribuição para a construção de conhecimentos sobre a literatura e a cultura de países de língua oficial portuguesa, cumprindo um ideal assinalado por Venâncio e que diz respeito à contextualização dos escritos e das experiências: “a obra (...) será esteticamente mais valorizada se entendida como parte integrante da experiência literária lusófona” (Venâncio 2008, p. 691).

2. Entre ‘Timores’: viagens pela dor e pela desterritorialização timorenses

A obra *O Ano Em Eue Pigafetta Completou a Circum-navegação* (2013) entrecruza, por meio da partilha do nome, uma personagem literária com uma célebre personalidade histórica. Fala-se de Antonio Pigafetta¹, nobre cronista do capitão-mor português Fernão de Magalhães que iniciou a épica expedição ao redor do mundo. Esta particularidade dialoga, desde logo, com a História de Timor e ativa o tópico da viagem. Aliás, conforme sumaria Ana Margarida Ramos, existe uma centralidade do conceito de viagem e que é

estruturante do ponto de vista da organização das narrativas. São múltiplas as viagens (em vários sentidos, literais e simbólicas) que as personagens fazem. O próprio país, metade de uma ilha, simboliza igualmente esse cariz itinerante, avançando, naufrago, como refere Isadora (p. 103), muitas vezes à deriva, pelos mares, pelos tempos, pela própria História. Nas viagens, algumas aludidas nos romances, é ainda possível cruzar tempos históricos muito diferentes, por isso elas realizam-se ou projetam-se (através da memória ou do desejo) no espaço e no tempo. Por vezes, fundem-se, confundem-se, interpenetram-se. Há cinco séculos é ontem, há cinquenta anos também. É, por isso, possível falar da chegada dos colonos portugueses, da circum-navegação de Fernão de Magalhães, da invasão japonesa, da viagem do navegador solitário, da do Arbiru, do Lusitânia Expresso numa única história. A condição do viajante, pela diáspora, pelo exílio, pela fuga para engrossar as hostes da resistência, é familiar ao timorense, uma espécie de povo caminhante, peregrino, pela sua própria História. (Ramos 2018, p. 12)

Conforme se antecipa, o texto literário é rico e apresenta um jogo de sentidos que faz uma justaposição entre os feitos do Pigafetta italiano e os do Pigafetta timorense. A interseção é possível porque ambas as viagens logram alterar o conhecimento vigente.

Sobre a primeira viagem marítima ao redor do mundo, Roditi refere que esta provou novos aspetos: o continente americano, tal como a África, pode ser circum-navegado; a

¹ Conforme escreve Paulino, as primeiras referências a Timor “are contained in brief references in Chinese, Javanese and Arab literature. From the Chinese literature, the oldest reference concerns the sandalwood trade and consists of twelve to twenty lines of text” (2012, p. 89). No entanto, devido ao impacto da própria viagem e da publicação do livro *Relazione del Primo Viaggio Intorno al Mondo* (1524), a Pigafetta pertencem os mais famosos registos escritos sobre os gentios de Timor. O autor identifica os reinos de Oibich (Oecússi), Lichsana (Liquiçá), Suai e Cabanaza (Camanassa) nas suas anotações. Em relação à indumentária usada pelos povos autóctones, o italiano destaca a nudez das mulheres da cinta para cima, assim como a presença variada de ornamentos em ouro e latão, tanto no homem como na mulher (Pigafetta 1525, p. 187).

circunferência da Terra, no seu Equador ou ao longo de qualquer dos seus meridianos, é maior do que qualquer geógrafo desde Ptolomeu, no século II, quis acreditar; a Terra, como mera evidência empírica, é realmente uma esfera, e que circum-navegando-a se ganha um dia no sentido do movimento do sol, de este para oeste (Roditi 1989, p. 15).

Sobre a segunda viagem, o périplo do Pigafetta timorense, apesar de o espaço geográfico da movimentação do sacristão se circunscrever a um país, é legítimo constatar que o seu percurso errático permitirá questionar o universo da experiência e confrontar as mais variadas histórias e seus atores. Por via deste exercício polifónico, emerge uma outra versão dos factos com uma força disruptiva.

Aliás, no romance de 2013, pode ler-se, em jeito de *carnaval literário*, um alerta para a manipulação da verdade quando se refere o seguinte: “Entre Bali e Balibó, mais do que uma sílaba que separa os nomes das localidades, medeia uma distância que diferencia a verdade da mentira que transformou aquela meia ilha numa casa de horrores” (Cardoso 2013, p. 95).² Ou, num outro momento, o caso do navio *Arbiru* que revisita a historiografia vigente e sugere não se ter tratado de um acidente ou de um mero desaparecimento, mas, antes, de uma tentativa de encobrimento de uma situação maior. Resta como algo de estranho o completo desaparecimento do navio e da sua carga (Cardoso 2013, pp. 87–88). Caragea teoriza sobre esta característica: “o revisionismo histórico, praticado pela literatura, tem duplo objetivo: requestionar as versões tradicionais da identidade coletiva e ao mesmo tempo tornar semióforos os espaços brancos do passado ignorados até aí pelo discurso histórico oficial” (Caragea 2010).

Apesar de não contribuir univocamente para a verdade histórica, o romance permite a reflexão sobre a historiografia (Hutcheon 1980) e aproxima, inequivocamente, a “ação dos Pigafettas” em prol da desocultação, de uma verdade *outra*. No caso do italiano, seria a conceção de globo e a possibilidade de navegação em sua volta; no que se refere ao timorense, a demonstração de que existem outras versões da História que ficaram por contar. Dois outros aspetos, também imbricados com a temática da viagem, relacionam as figuras. Em primeiro lugar, a presença de vocábulos indonésios e timorenses faz parecer necessária uma das valências de Pigafetta: a de intérprete. Em segundo lugar, o discurso escrito resgata Timor da invisibilidade e dá a conhecer o *modus vivendi* dos autóctones, seus percursos, interações e histórias. Malato sumariza-o da seguinte forma:

As descrições das personagens do romance ilustram o hibridismo genético dos timorenses, descendentes dos povos malaio-polinésios e melanésios, a que se foram juntando vagas de portugueses, holandeses, japoneses, chineses, americanos, goeses, macaenses, australianos. Ainda que o romance esteja em português, amiúde os vocábulos estrangeiros (em tétum, inglês, *bahasa*, italiano, chinês...) lembram a necessidade de um tradutor. (Malato 2019, p. 65)

² Bali é uma das muitas ilhas da Indonésia e caracteriza-se pela forte afluência turística. Balibó é uma cidade fronteiriça de Timor-Leste. Em Balibó, foram assassinados cinco jornalistas australianos, pelas forças indonésias, a 16 de outubro de 1975. O acontecimento é revisitado no filme *Balibo*, dirigido por Robert Connoly. É de crer que a crítica de Cardoso se refira à manipulação indonésia da *Declaração de Balibó*. Aquando da proclamação unilateral da independência de Timor-Leste pela FRETILIN, os restantes partidos democráticos terão reagido e assinado a *Declaração de Balibó* onde se assumiu a integração de Timor-Leste na Indonésia. Contudo, sabe-se que o documento foi coligido pelos serviços de inteligência indonésios e foi assinado em Bali.

A movimentação de Pigafetta, forçada, abeira-se do fenómeno da desterritorialização, da concretização do abandono e da linha de fuga (Deleuze & Guattari 1997, p. 224). Esta é motivada pelo horror da guerra e faz emergir algumas das diferenças étnicas e históricas assinaladas por Malato (2019). Para além disso, apresenta, ao leitor, as atrocidades perpetradas pelo exército indonésio e pelas milícias alimentadas por Jacarta que faziam circular os timorenses capturados entre províncias, de modo a obliterar qualquer sentido de pertença à terra. No caso dos guerrilheiros e dos fugitivos, mais de 70% da população de Díli fugiu para as montanhas (Seixas & Engelenhoven 2006, p. 22).

Implicamente, fica a ideia de que a movimentação é associada à dor, ao conflito, ao desenraizamento. Taylor partilha que a partir da década de 80, os timorenses foram colocados em novos campos, longe das suas áreas de resistência para evitar qualquer foco de resistência baseada no sentimento de pertença ao clã ou à vila (Taylor 2003, p. 171). Teresa Cunha também escreve: “numa sociedade que tanto valor atribui aos núcleos familiares e às suas relações e linhagens, a separação sistemática das famílias, devida à deslocação forçada de aldeias inteiras, provocou danos irreparáveis nas relações de lealdade e de amparo” (Cunha 2016, p. 468).

Três importantes figuras, presentes no romance em análise, permitem constatar o que se afirma: Isadora, Sakunar e Carolina. Todas são dadas a conhecer pela movimentação do sacristão e potenciam a leitura tanto da alteridade como da erosão identitária, sobretudo, em tempos de conflito.

Isadora, quando jovem e em tempo de paz, fora fazer o curso a Portugal. Era culta, livre e bonita. Tinha outro estatuto e podia andar de minissaia, dançar o yé-yé ou apanhar boleia de um *bainó*. As filhas dos *liurais* não podiam incorrer em igual comportamento. Em fase mais tardia da sua vida, Isadora sofrerá às mãos de variados homens: japoneses, indonésios e timorenses. Conforme escreve Cunha, “é na ausência dos “homens-macho” da casa que outros “homens-macho” se permitem entrar, agredir e abusar das mulheres e reduzir a restante família a um alvo ou troféu de guerra” (Cunha 2006, p. 49).

Do rol de situações de abuso, destaca-se a relação sádica concretizada por Sakunar. Com recurso à violência psicológica e física, Sakunar apodera-se de Isadora. Movido pelo ódio, castiga duas Isadoras: a do presente e, sobretudo, a do passado e que dava preferência aos *bainós* em desfavor de Sakunar e de outros timorenses mais humildes (Cardoso 2013, p. 199).

Para além de comportamentos violentos, António Sakunar evidencia, ainda, o que Tyson sintetiza como “mimicry, the attempt of the colonized to be accepted by imitating the dress, behavior, speech and the lifestyle of the colonizers” (Tyson 2006, p. 427). No “tempo dos portugueses”, António “queria ter um emprego na administração pública. Desta forma podiam tratá-lo como senhor António. Podia beber cerveja Laurentina e fumar Português Suave” (Cardoso 2013, p. 200). Aquando da conversão de António Sakunar à feição indonésia, a mesma vontade de pertença e de aceitação podem ser notadas: “sentado numa cadeira de verga ouvia *kronson*, fumava *krettek* e bebia cerveja de Singapura” (*idem*, p. 124).

Carolina é a jovem que acompanha Pigafetta na fase derradeira da viagem. Ela é a filha de Amadeu, um integracionista. No início da trama, a menina recebe umas sandálias

que são demasiado grandes para os seus pés. As sandálias são vistosas, ornamentadas, caras e seduzem as personagens, fazendo com que todas se queiram apoderar delas. A tentativa de manutenção das sandálias, por parte de Carolina, explicita o seu carácter combativo e, também, o que se parece consubstanciar um percurso probatório da jovem até a sandália servir.

Metaforicamente, o calçado e este percurso podem representar a possível riqueza timorense, ameaçada por variadas frentes: timorenses novos e velhos, integracionistas e estrangeiros. De facto, a sandália desperta a cobiça de gerações distintas de mulheres. Isadora sente a sua sensualidade feminina recuperada quando se apodera, momentaneamente, das sandálias e se põe a dançar sobre elas; a avó acusa a neta de utilizar sandálias de *nona* (mulher de conforto). Sakunar rouba as sandálias para lhe retirar as pérolas. Por sua vez, Amadeu, corrompido, revela o desajuste ao oferecer, em período de guerra, umas sandálias ostensivas e demasiado grandes à filha.

Carolina, imbuída neste cenário de violências físicas e psicológicas, irá exibir um comportamento disruptivo e emancipatório, potencialmente representativo da renovação do papel da mulher timorense e que se caracteriza, simbolicamente, pela descoberta de si própria, pela apreciação de música do seu tempo e pela necessidade de autonomia, visível na superação da condição de refugiada e na rapagem do seu cabelo – tão apreciado por personagens que a desiludiram ao longo da diegese.

Retomando Pigafetta, personagem catalisadora das ações, as suas deambulações não incidem, exclusivamente, o holofote sobre as figuras que lhe são externas. Também o próprio Pigafetta experienciará flutuações identitárias. Relembre-se que o Pigafetta timorense é abandonado pelos pais e entregue a um padre que o batiza. O nome escolhido é o do autor de um livro presente na sacristia: *Relazione del Primo Viaggio Intorno al Mondo*. No entanto, este acaso presente na escolha do nome é obliterado. Na verdade, toda a história resulta de uma falsificação, pois quando Pigafetta é apresentado ao padre, é descrito como filho de *malae*, de estrangeiro, por ter a pele branca e sem “mistura”. Depois “para confirmar o que disse, pediu ao filho [Pigafetta] para repetir a frase – Levantai hoje de novo o esplendor de Portugal. Disse-o com tanta convicção que até fez o padre corar de vergonha e riso. O missionário não teve outro remédio senão aceitá-lo como órfão de *malae*” (Cardoso 2013, p. 57).

A defesa da autoimagem, por parte de Pigafetta, centra-se numa tríade de evidências selecionadas e que não têm necessariamente que ver com a verdade dos factos: um vínculo histórico, profissional e racial. Afinal, o sacristão tem um nome igual ao de uma figura histórica europeia, é cronista, é “supranumerário” e o seu tom de pele aproxima da pele do *outro*. Este conjunto de características permite-lhe afastar-se do timorense prototípico, do autóctone sem ascendência europeia. A atitude demonstra que Pigafetta é permeável à imagem do *outro*, à sua diferença. Na lição de Levinas (1969), a conceptualização da alteridade implica o conhecimento do outro, assim como a aceitação das diferenças que implicam a existência do eu:

To be I is, above and beyond any individuation that can be derived from a system of references, to have identity as one's content. The I is not a being that always remains the same, but is the being whose existing consists in identifying itself, in recovering its identity throughout all that happens to him. He is the primal identity, the primordial work of

identification. The *I* is identical in its very alteration. He represents them to himself and thinks them. (Levinas 1969, p. 36)

Assim, na sua opinião, a sua pele clara aproxima-o, logicamente, do “familiar” italiano e, por conseguinte, dos europeus. Alguns conterrâneos apoiam esta sua causa e pedem-lhe que trate de papéis de modo a obterem uma reforma ou uma pensão de Portugal (Cardoso 2013, p. 162). Porém, para outros, Pigafetta é um bicho cuja pele nada tem de europeia. É um albino.

Uma outra deslocação ‘entre Timores’, passível de mostrar clivagens, é a de Ernesto, em Ataúro. Ataúro é uma pequena ilha, localizada mesmo na frente de Díli. Em criança, Ernesto de Aquino movimenta-se entre a parte Este e Oeste da ilha – tal como Pigafetta. As suas viagens mostram clãs que se agrupam segundo um critério religioso que, aparentemente, não faz sentido. Uma dessas comunidades religiosas, a evangelista, caracteriza-se por rezar de olhos fechados (*Taka-matan*). Sabendo que os nativos de ‘olhos abertos’ se aproximam do eixo de governação portuguesa e os de ‘olhos fechados’ se relacionam com forças emergentes, pode permitir-se uma leitura política.

De facto, a ideia de fecho e de abertura relaciona-se, por seu turno, com o par dicotómico Este–Oeste, também presente na viagem de Pigafetta. Trata-se de um binómio com forte presença em Timor: o leste da ilha (onde o sol nasce) e o oeste da ilha (onde o sol se põe). São clivagens que encontram paralelismo em rivalidades ancestrais como as presentes em *lorosae* (sol nascente) e *loromono* (sol poente) ou *Kaladi* e *Firaku*. Tais divisões, ainda hoje criam

ressentimentos sempre prontos a serem despoletados em tempos de crise. Entre muitas outras coisas, os Firaku afirmam-se como os mais antigos em Timor (“os de dentro”); os Kaladi acusam os Firaku de terem estado do lado colonial na grande revolta de 1912; os Firaku acusam os Kaladi de terem sido a “porta grande” da invasão indonésia. (Seixas & Engelenhoven 2006, p. 21)

Em termos metafóricos, os romances *Para Onde Vão os Gatos Quando Morrem?* e *O Ano Em Que Pigafetta Completou a Circum-navegação* retratam Timor como um microcosmo tensional no qual diferentes fações se preparam para o confronto: umas abeiradas ao poder vigente colonial e outras mais próximas das forças emergentes timorenses ou externas (sejam elas indonésias ou de outras origens). São conflitos e resultados que, no entender de Tsuda e Baker, são frequentes em países recém-nascidos: “The creation of new nation-states in the recent past (including through decolonization) has also been politically disruptive and produced refugees, especially when it involved internal partitioning, wars for independence, conflicts over contested borders, and the repression or expulsion of unwanted ethnic minorities” (Tsuda & Baker 2015, p. 300).

O *topos* da viagem permitiu vislumbrar motivos para a emergência de conflitos. Se o presente ponto se centrou nas migrações ocorridas no “palco timorense” e seus efeitos, importa, agora, analisar as deslocações a partir de Timor para diferentes países e, também, as suas implicações.

3. O sentido da viagem, a fragmentação do eu e os processos de reterritorialização

Vários romances de Cardoso³ acentuam uma dimensão autobiográfica ao entrecruzar elementos da biografia do escritor com os da vida ficcional das personagens: a infância passada em Ataúro⁴, a ausência de baço e, entre outros, a saída involuntária de Timor.⁵

A saída do país do sol nascente é o tópico mais transversal às personagens. Ernesto ruma a Portugal após a contestação política e social que se instalara em Timor. Situação, em tudo, semelhante à de Lucas Santiago, à de Takas e, conforme se observou, à de Luís Cardoso. Relembre-se que Luís Cardoso sai de Timor-Leste aquando da Revolução dos Cravos, em abril de 1974, em Portugal. A migração pode ser enquadrada na maior emigração timorense de sempre. Durante a ocupação indonésia, aproximadamente 250 mil pessoas fugiram para a Indonésia, para a Austrália e para Portugal (Millar 2021, p. 200).

A chegada a Portugal, com todos os sortilégios, opera-se como um catalisador emocional que é transportado para a narrativa. Segundo Tutikian (2006), nota-se o choque e a (re)negociação cultural na escrita do timorense. A autora destaca que, na obra de Cardoso, a tradição e a cultura timorense “encontram-se com a cultura ocidental, estabelecendo uma nova concepção do ser e do ser na realidade, onde passado e futuro se antagonizam, e o texto ganha características outras, de desconstrução, de experimentação, de confusão” (Tutikian 2006, p. 152).⁶

Efetivamente, a ideia de Portugal é, para as personagens, mutável. Primeiramente, revela-se como uma entidade mistificada. No romance *Crónica de uma Travessia*, o leitor pode aceder a processos de aculturação. Takas, fortemente influenciado pelo mesmo sistema de ensino que formou a Mocidade Portuguesa, mitifica a pátria lusa. Assim, apesar de nunca ter assentado pé em Portugal, a personagem principal equipara a distante pátria lusa a um paraíso terreno (Cardoso 1997, pp. 57–58).

Numa segunda fase, já com as personagens a concretizarem o seu relato a partir de Portugal, o cenário afigura-se como gerador e potencializador de alteridade. Lucas Santiago narrará trechos que permitem aceder à sua autoimagem. Em relação aos

³ A observação é válida, sobretudo, para os títulos: *A Última Morte do Coronel Santiago*; *Crónica de uma Travessia* e *Para Onde Vão os Gatos Quando Morrem?*.

⁴ Em Cardoso (1997, p. 59), pode ler-se: “Quando me perguntavam donde eu era, dizia sempre que era de Ataúro. Só me foi dito mais tarde que a terra de cada um é o local onde nasceu. Assim, eu deveria dizer Cailaco”.

⁵ Existem inúmeras intersecções entre a vida do autor e a ficção: a remoção do baço, a ausência física de Timor-Leste por vinte e cinco anos; a ligação a Ataúro e a Maubisse; a crítica à sua conduta diplomática; a carreira literária e uma presença fantasma que pode representar a falecida namorada de Cardoso (Rosa Bonaparte). Na presente análise, predomina o fenómeno literário e cultural. Dito de outra forma, entende-se que a narrativa apenas literaliza as experiências de Cardoso, reais ou imaginadas. Assim, em rigor, as experiências narradas não correspondem, ontologicamente, às experiências vividas (Scholes 1989). Por conseguinte, não existe qualquer necessidade ou obrigatoriedade de fazer coincidir a personagem ficcional com o escritor. Como alerta Walsh (2007, p.14), “all narrative, fictional and nonfictional, is artifice. Narratives are constructs, and their meanings are internal to the system of narrative”. Tal respeita a metaficção que favorece a distinção entre autor e personagem.

⁶ Lucas Santiago corporiza o relato em Portugal e num registo muito mais fragmentado, ao jeito da escrita pós-realista onde Lobo Antunes é assumido como fonte de inspiração. Tal evidência tem razão de ser. A personagem inscreve-se num tempo mais moderno, num período em trânsito, cuja paragem só pode ocorrer por catástrofe ou diferidamente. Todos estes movimentos, declinações e metamorfoses constituem o espaço da modernidade que oscila entre a *desterritorialização* e a *reterritorialização* (d’Alte 2014; Little 1994).

portugueses, a vida na periferia e a cor da sua pele são-lhe evidentes traços portadores de diferença: “poderia assustá-la, sabia perfeitamente pela própria experiência que um homem mete sempre medo, sobretudo quando a cor do seu rosto se confunde com a pele da noite” (Cardoso 2003, p.69). A alternância entre cosmovisões evidencia o dinamismo assinalado por André (2005) que refere o carácter dialógico e o pulsar conflituoso da negociação identitária em permanente reconfiguração. A evidência é visível no seguinte trecho:

Gostava de fado, uma paixão que nunca ocultou. Muitos dos seus conterrâneos gostavam do tinto e do Português Suave que mais ou menos foram misturando com a cerveja de Singapura e com o tabaco mentol da Indonésia. Que diriam dele por gostar da música de quem os oprimiu durante quatro séculos, o gosto de um assimilado ou o prazer de um alienado. (Cardoso 2003, p. 149)

Para além dos aspetos assinalados, emerge, na narrativa, uma outra peça do mosaico: a condição de exilado (Said 2000).⁷ Aliás, o romance *A Última Morte do Coronel Santiago* é, sob esta perspetiva, bastante denso e explícito: “baixou a cabeça envergonhado. Vergava-se perante a sua condição de exilado” (Cardoso 2003, p. 112). Mais adiante, a narrativa define o estado da alma dos exilados, em Portugal, num tom que oscila entre o da cobardia e o da angústia: “Dançavam até que lhes doessem as peles. Essa irresistível vontade de sobreviver para além do irremediável. Descobriram a melhor forma de fazerem o regresso sem nunca terem saído do mesmo sítio, enquanto esperavam pelo mau estado lá do sítio” (*ibidem*). De certa forma, o solo luso afigura-se, em oposição a Timor, como um não-lugar, como um espaço de transição que é, invariavelmente, conducente à solidão. Trata-se, para a personagem, de um espaço que não se pode definir “nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico” (Augé 2012, p. 73). Neste sentido, “o lugar e o não lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente – palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação” (*idem*, p. 74).

O sentimento descrito é comumente encontrado em comunidades imigrantes e possui os traços genéricos descritos por Bornstein que se relacionam com os processos de aculturação psicológica:

Migration and acculturation are inherently individual experiences that precipitate thoroughgoing changes of social identity and self. Immigrants must negotiate new cultures and learn to navigate new systems. (...) Immigrants face multiple challenges in acculturating to a new society – including deciding which cognitions or practices to retain from their culture of origin and which to adopt from their culture of destination. (Bornstein 2013, p. 40)

⁷ Edward Said define a condição de exilado como “the unhealable rift forced between a human being and a native place, between the self and its true home: its essential sadness can never be surmounted. And while it is true that literature and history contain heroic, romantic, glorious, even triumphant episodes in an exile’s life, these are no more than efforts meant to overcome the crippling sorrow of estrangement. The achievements of exile are permanently undermined by the loss of something left behind forever” (Said 2000, p. 318).

Importa salientar que estes processos não são homogêneos. Especificamente, no caso de Lucas Santiago, é removida qualquer positividade da justaposição cultural e o equilíbrio bicultural não é conseguido (Bornstein 2013). O contexto da experiência adensa a psique negativa da personagem e força-lhe um comportamento autodestrutivo: “foi-se aos poucos excluindo de tudo. Recusava ter uma família, uma religião, uma terra e uma pertença. Sem uma retaguarda segura a que recorrer quando necessitasse. Estava só e vulnerável” (Cardoso 2003, p. 87).

O sentimento é motivado por um pretense favorecimento pessoal no que diz respeito à ausência da guerra. Note-se que Takas, Ernesto e o próprio Lucas Santiago experienciam o drama da guerra em diferido. Dito de outra forma, numa posição mais alheada do sofrimento físico. No romance de 2003, o leitor pode ler a mágoa de Lucas Santiago, aguçada pelas imagens “que a televisão mostrava [e que] se repetiam de uma forma incessante na sua memória quando fechava os olhos de propósito para não reparar na exaustiva repetição das cenas de violência” (*idem*, p. 61). O cortejo de violência agudiza a dor do *ser de papel* que, progressivamente, se vai anulando.

De certa forma, este tópico traz consigo o sentido grego de *katábasis* – uma descida ao inferno na qual as personagens tentam “averiguar o que de pouco claro se lhes afigura na vida terrena, ou para cumprirem qualquer missão de importância, em geral em favor de qualquer pessoa ou comunidade humana” (Fernandes 1993, p. 347). Esta dimensão é observada em Ernesto e em Lucas. Ambos buscam alguma redenção: seja pela revisitação da pátria, seja pela autodestruição, seja pela reconstrução hiperbólica e psicótica dos momentos cruciais das suas vidas – num labirinto de peripécias às quais o leitor é convidado a dar sentido. Como síntese da evidência anterior, pode ler-se o recorte no qual Lucas Santiago rememora o seu passado (Cardoso 2003, pp. 69–73) e evidencia uma ingenuidade infantil ao clamar por uma correção do tempo e uma restituição da sua vida roubada:

Tantas vezes ouvira na telefonia um cantor português fazer esse mesmo pedido. Tantas vezes pediu que lhe devolvessem o passado quando se chateava com o presente. Estava deitado no chão com o nariz a farejar o chão. Passou pela sua memória sobretudo esses tempos da infância. Tinha bem presente os nomes e os rostos dos amigos. Recuperava-os todos de uma só assentada. Coisa que um moribundo faz antes de os perder definitivamente. (*idem*, p. 46)

O regresso à terra natal, enquanto possibilidade, é um poderoso catalisador de flutuações sentimentais em Lucas Santiago. Perante a hipótese, Lucas Santiago sofre remorsos pela *territorialização*, por ter favorecido o modo de vida português em desfavor da vida em Timor e experiencia um conflito interno que põe em oposição o seu suposto bem-estar em Portugal e o terror vivido por aqueles que não escaparam ao flagelo da invasão indonésia.

O retrato emocional, esboçado sumariamente, possui contornos de um processo de *desterritorialização* e *reterritorialização*, demonstrando que a personagem vive no

interstício entre a cultura timorense e a cultura portuguesa, pertencendo, paradoxalmente, a ambas e a nenhuma das duas em exclusivo.⁸

Em todo o caso, e retomando a linha argumentativa, Lucas Santiago perspetiva um possível regresso a Timor como um provável ajuste de contas entre si, os seus antepassados e os seus conterrâneos.

Quando os regressos se concretizam, a autoimagem das personagens e a sua cosmovisão são abaladas. Ernesto de Aquino é tido como um *malae*, um estrangeiro, destituído dos direitos associados aos autóctones. Quando retorna à ilha do crocodilo, vê-se arrastado para um julgamento tradicional, um ajuste de contas timorense, no qual Moisés, seu amigo de infância, perderia a vida. No entanto, Moisés antes de morrer, acusa Ernesto de cobardias e de fugas: “sempre foste um maricas”⁹ (Cardoso 2017, p. 245). Por sua vez, em Timor, Lucas Santiago estranha a circulação pela esquerda e é recebido pelas crianças como um “forasteiro” a quem são atiradas frases como “Hullô mister” e “malae ba ona”¹⁰ (Cardoso 2003, p. 201). Ante a situação, Lucas Santiago agarra-se a traços que considera representativos da nacionalidade timorense e da sua pertença à terra:

não se considerava estrangeiro na sua terra (...) não era nenhum *malae* muito menos *mister*, falava muito bem tétum (...). Não só sabia falar o tétum praça como o tétum das montanhas (...) sabia falar *mambae* (...) sabia de cor o nome dos régulos e dos chefes de povoações. (*idem*, p. 202)

Em termos de papéis sociais, Timor revelar-se-á bastante exigente para Lucas Santiago. Se alguns se contentam, simplesmente, com a sua presença, como é o caso do sobrinho (*ibidem*), genericamente, a personagem regressa *estrangeira* aos olhos do mundo timorense e daqui advém um sentimento de discriminação (*idem*, p. 209). Com o desenrolar narrativo, percebe-se que os timorenses “esperavam dele algo de extraordinário. Como esperavam de todos os que vinham do exterior” (*idem*, p. 218).¹¹ Também os timorenses que lhe eram mais próximos, como a ama Prudência e Pedro Santiago, tinham aspirações para Lucas Santiago: vê-lo ordenar-se padre (*idem*, p. 241).

A autoimagem de Lucas Santiago torna-se disfórica. De facto, ele “não tinha cadastro de Resistente. Sabia que era alvo de suspeitas, sujeito à vigilância, desconfiavam dele os que o esperavam mais interveniente politicamente, devendo definir-se de que lado estava” (*ibidem*). No entanto, Lucas Santiago não alimentava qualquer vontade de participação política. Pior, em relação à família, depauperada, Lucas Santiago não consegue qualquer tipo de melhoria significativa. Como o próprio reconhece, “não enriqueceu no estrangeiro. Escreveu dois livros que mal se vendiam. Estava sem nenhum dinheiro guardado como fez muita gente que sempre viveu em Timor” (*idem*, p. 224).

⁸ Tyson refere a “dupla consciência”: “the feeling of being caught between cultures, of belonging to neither rather than to both, of finding oneself arrested in a psychological limbo that results not merely from some individual psychological disorder but from the trauma of the cultural displacement within which one lives”. (Tyson 2006, p. 421)

⁹ Frase com duplo sentido: o da homossexualidade e o da cobardia.

¹⁰ O termo estrangeiro possui, na cultura nativa, uma carga pejorativa. Os timorenses utilizam a palavra “malae” para designar uma pessoa que não pertence ao território timorense e que não deve ter acesso ao património cultural da sua aldeia (Duarte 1984).

¹¹ O apontamento poderá estar relacionado com a temática recorrente da lenda do irmão mais novo.

Também a continuidade social e a ascendência são colocadas em risco. Lucas tem dificuldade em assumir o papel do falecido pai e manifesta desconforto quando a população lhe tenta beijar a mão em sinal de respeito (*ibidem*).

As situações nas quais as personagens se veem envolvidas clamam uma resolução. Curiosamente, o desfecho para ambas as figuras – de Ernesto de Aquino e de Lucas Santiago –, é equivalente e acarreta um fim de ciclo.

No caso de Ernesto, quando regressa à ilha, visita Silêncio, personagem muda e que fora acusada pela morte do chefe de posto, o pai de Ernesto. Silêncio poderia ter abandonado a cela pois as acusações do tempo colonial estavam suspensas: “quem quisesse sair também o podia fazer. Havia livre circulação. Muitos dos detidos foram-se embora mal abriram portas. Foi uma soltura geral. Silêncio ficou. Estava determinado a permanecer, pedindo a repetição do seu julgamento” (Cardoso 2017, p. 194). Esta intransigência de Silêncio em abandonar a prisão, prescindindo da liberdade por esta vir desassociada da inocência, fará com que Ernesto permaneça na prisão e assista a um *juízo carnavalesco*. Os presentes gritaram por um julgamento popular. E para cumprir este propósito, os populares recuperaram a ossada do falecido chefe de posto e vestiram-lhe a farda para cumprir o julgamento. Ernesto abandonaria a assembleia. Crê-se que Silêncio também o tenha feito pois não teve coragem de participar na “segunda morte de Tomás de Aquino”. Depois deste episódio macabro, Ernesto é forçado a viajar para Portugal.

No que diz respeito a Lucas Santiago, este assume o seu último papel motivado por uma conjuntura que mescla o sentimento de culpa (esperaram vinte e cinco anos por ele) e a tomada de consciência quer de si próprio quer do contexto no qual se encontra: “depois de um momento de reflexão apercebeu-se rapidamente do que se estava a passar. Ou entrava na encenação ou nunca deveria ter vindo. Se veio, sabia perfeitamente ao que vinha” (Cardoso 2003, p. 254). Assim, Lucas Santiago irá escrever a carta a Clara, concluir o funeral, continuar a linhagem e tomar o lugar do pai – vestindo o fato de linho branco do velho coronel e aceitando, desta vez, que lhe beijassem a mão (*idem*, p. 255). Por fim, aceitará o seu destino com calma e a resignação de que já não sairá de Timor até ao final dos seus dias: “escrevo-te no sítio mais lindo do mundo para se morrer” (*idem*, p. 267).

Ante o exposto, os romances evidenciam características das ‘narrativas de retorno’. Para Löschnigg (2018, p. 57), as “return journeys are characterized by a specific chronotope, as the discourse oscillates between the narrator’s past and present, and the spaces associated with them”. Neste fluxo, existem momentos de redefinição ou de confronto cultural entre práticas passadas e recentes (*ibidem*). De certa forma, os relatos esboçam, também, contornos do que Bennett (2005, pp. 9–10) entende por “polybridity” e que visa superar a construção identitária assente em meros binómios. Assim, este termo tem que ver com identidades transculturais que se constituem pela interrelação entre passado e presente e em vários espaços culturais.

Ao mais recente romance está reservado o regresso, o “ponto cruz” das histórias. Dito de outra forma, no quadro temático da viagem, a obra *O Plantador de Abóboras* opera como um diário de bordo. Permite uma revisitação de todas as viagens a partir da

“varanda da contemporaneidade” e, de certa forma, o encerramento das linhas narrativas por meio de uma reflexão crítica.

Em jeito de palimpsesto, os romances anteriores são postos em evidência, entretecidos e continuados, salientando-se e explicitando-se os aspetos comuns da experiência timorense.¹² O exercício é feito a partir do relato anónimo de uma mulher que apresenta o seu “labirinto da memória”. Pela rememoração, a personagem principal vasculha a arquitetura do próprio cérebro e, neste jogo, a casa transforma-se em metáfora da memória: “Planto-me nesta cadeira de lona (...). Como é bom ter uma varanda virada do avesso. Como é bom ter uma varanda virada para dentro de mim. Olho os corredores extensos que me atravessam o corpo por inteiro, de uma ponta à outra. Vejo a sala iluminada que está na minha cabeça” (Cardoso 2020, p. 15). O término da viagem é, conforme se pode suspeitar, bastante simbólico, poético, memorialista, crítico e infixado à deslocação temporal transversal.

Aprofundando, a narradora d’*O Plantador de Abóboras* é anónima, é apresentada numa eterna situação de espera e com um discurso marcadamente disfórico no qual o leitor fica com a sensação de que algo ou alguém de extrema importância lhe falhou ou faltou. De vestido de noiva branco e ensanguentado, a mulher aguarda pelo “plantador de abóboras” que lhe restituirá a paz porque lhe permitirá o confronto, o questionamento e a eventual resposta.

O tema do *regresso* após a viagem é relativamente comum nas narrativas orais. Traube (2007), Hicks (1988) e Engelenhoven (2011) sublinham, nas narrativas timorenses, o regresso do protagonista que traz consigo fortuna ou conhecimento. Os autores recuperam um relato difundido nas culturas tétum e mambai e que narra a existência de dois irmãos que viviam com grandes privações. O irmão mais novo parte para obter, além-mar, os recursos ou os conhecimentos para resolver os problemas que afligem a família e a sua terra. No término da tarefa, o irmão mais novo regressa de barco com as ferramentas e o conhecimento necessário para solucionar as agruras da ilha. Em (d’Alte 2014), é defendido que a narrativa de Cardoso absorve temáticas oriundas da literatura oral tradicional. Tendo este apontamento em mente, note-se que tanto a narradora d’*O Plantador de Abóboras* como a avó Aurora, personagem anciã d’*O Ano Em Que Pigafetta Completou a Circum-navegação*, partilham deste destino: a espera indefinida pelo retorno do seu homem ausentado e que lhes devolverá o equilíbrio. Este aspeto é referido por d’Alte (2019, 2020) e relaciona-se com a cosmogonia nativa que prevê o fecho completo de ciclos, a ideia de um *eterno regresso* (Durand 2002, p. 283). Qualquer impossibilidade do fecho de ciclo resulta numa rutura com a ancestralidade.

Dois aspetos, porém, demarcam significativamente ambas. O primeiro é o anonimato. Ao destituir a personagem de uma referência onomástica, permite-se a interpretação de que a instância narradora é o próprio país, tantas vezes negado de identidade, silenciado, sem um governo timorense autóctone. O solilóquio é, neste sentido, a revisão crítica do passado e a denúncia de séculos de usurpação. Ao admitir-se

¹² A estratégia não é inaugural. A intertextualidade e a metaficção entre as obras cardosianas é passível de ser notada pelo leitor através da partilha de personagens entre romances ou, também, por meio da metaficção. Por exemplo, o final d’*A última morte do coronel Santiago* explica o clímax d’*Olhos de Coruja Olhos de Gato Bravo* (d’Alte 2014, p. 60).

a possibilidade, importa relembrar as observações de Ramos que entrecruzam o argumento e, novamente, o tema da viagem:

a partilhar o protagonismo (...) está o próprio território timorense. Complexo e contraditório, personificando várias tensões internas e sofrendo consequências de pressões externas, Timor parece uma embarcação oscilando ao sabor das marés, ora perseguindo os habitantes nativos, ora se revoltando sucessivamente contra as vagas de ocupadores. Recriado ficcionalmente como uma espécie de território à deriva, Timor parece determinado numa demanda difícil pela sua afirmação (Ramos 2012, p. 154).

Simbolicamente, surge uma frase repetida como refrão musical e que demonstra o afirmado: “Café, sim, deu muito dinheiro. Aos *malae*, aos china, aos bapak e aos *liurai*. Também ao meu pai, o autoproclamado comendador da República de Manu-mutin” (Cardoso 2020, p. 21). A censura em apreço porta uma extensa e simbólica crítica. Numa leitura inferencial mais imediata, percebe-se que sempre faltou com que o café “desse dinheiro” ao timorense comum, pois sua venda foi sempre controlada por estrangeiros. Numa leitura mais profunda, o leitor compreenderá que, entretanto, a fonte de riqueza foi substituída:

sentada nesta varanda, a vê-los partir com latas vazias para as encherem com *mina-rai* ou petróleo no *au-kadoras*, a torneira prometida pelo irmão extraordinário. Foram-se embora, uns atrás de outros. Foi-lhes dito que podiam ficar ricos de um momento para o outro. Não precisavam de limpar as matas para que as árvores de café frutificassem. Bastava apinharem-se junto do *au-kadoras* para encherem as latas vazias. (*idem*, p. 17).

Relativamente à carga simbólica, esta evidencia-se na desnecessidade de trabalho manual e na deslocação alegórica da fonte de riqueza para fora do limite terrestre timorense e, com ela, a obliteração de um símbolo de resistência nacional: o Ramelau. Senão leia-se a *vox* narrativa que crítica:

Xavier do Amaral nada ouvia por causa da canção *Foho Ramelau*. Uma canção arrebataadora que o fez entrar em êxtase e tivesse pedido ao povo para que fizesse fé que era mesmo na montanha sagrada do Ramelau que os antepassados haviam depositado a fortuna do país. Se ao menos tivesse escutado Sancho Pança e dissesse fundo do mar teria acertado em cheio. (*idem*, p. 157)

A referência *Foho Ramelau* evoca a coletânea *Enterrem o Meu Coração no Ramelau* e, muito especificamente, o poema de Borja da Costa, poeta assassinado durante a invasão e ocupação indonésias. O poema *Foho Ramelau* viria a tornar-se um hino da resistência timorense. Ainda em relação a este ponto, refira-se que o monte Ramelau, Tata-Mai-Lau é, segundo as crenças animistas, o lugar para onde viajam todas as almas timorenses, representando a ancestralidade de todo o país e a *metempsychose*.

O segundo aspeto que distingue as personagens tem que ver com a autonomia e com uma dissociação emancipatória do folclore do retorno – evidência que se dará no término do romance. Note-se que a narradora d’*O Plantador de Abóboras* é a única personagem que funciona como destino, como ponto de chegada. Ela aguarda, na extremidade do novelo narrativo, o regresso de quem lhe deve justificações. Enquanto espera, vai percorrendo, fio a fio, a sua “história-pátria”, tão repleta de mestiçagens. O

pai adotivo foi um escuro landim, moçambicano de dentes brancos e inusitadas gargalhadas, apaixonado por sua avó, uma timorense que deveria vingar o suposto mal que ele fez a outros familiares timorenses, matando-o – situação que dialoga com o rescaldo da Revolta de Manufahi (1911–12). A sua mãe, ver-se-ia envolvida com diferentes soldados portugueses. Um deles, o pai da narradora. A diegese rememora, aqui, os tempos que antecedem a Guerra do Pacífico. Mais adiante, a narradora revela ter sido criada pela tia que, por sua vez, seria morta pelas Colunas Negras – tropas de fuzilamento nipónicas que invadiram Timor, em 1942. Após estes anos, é associada a pretendentes e a um noivo. Todos dividem as suas tarefas entre atividades políticas e de guerra – em suma, de resistências violentas e que ocuparam o último quartel do século XX.

Após todo o processo de revisitação e de questionamento histórico, resta-lhe a clarividência disfórica de que, para evitar mais dor e sofrimento, é necessário fazer diferente de todos os outros seres que passaram, em trânsito, pela ilha. Simbolicamente, plantar em vez de retirar: “Comeremos do fruto de plantas de cujas sementes havemos de colocar na terra. Havemos de merecer este país de acordo com o que sonharam e fizeram os homens que por ele deram as suas vidas” (Cardoso 2020, p. 180).

No fecho do romance reside, conforme se disse, a derradeira diferença das personagens. Ao invés de esperar pelo “irmão mais novo”, pela solução trazida por outrem, a personagem lambe as suas próprias feridas e num remate realista finaliza em crescente clamor por autonomia, reterritorializando-se: “Se temos futuro em Manu-mutin? Não creio, Sancho Pança! Lembro-te que Manu-mutin não existe. Nunca existiu. Fui eu que o sonhei. Em boa hora trouxeste de volta o livro de Miguel de Cervantes para que te devolva o teu lugar na história, de onde nunca hasvias de ter saído para me vires dizer que gostavas de plantar abóboras” (*ibidem*).

4. Considerações finais

De acordo com o relato científico, Timor é uma ilha cuja formação resulta da pressão de uma placa tectónica que fez um pedaço de terra emergir acima da linha do mar. Os relatos nativos e os contos etiológicos absorvem esta evidência. O conto mais difundido apresenta um crocodilo que viaja em direção ao lugar onde o sol nasce com uma criança às costas. Com esta ação, o sáurio pretende pagar de volta o bem que a criança lhe fez quando o salvou da morte iminente. No final da viagem, o crocodilo morre de cansaço e ocorre um fenómeno feérico: o corpo dele expande-se e solidifica-se, formando a ilha de Timor onde a criança viverá.

A viagem do crocodilo estabelece um paralelismo com a própria história de Timor na qual homens e mulheres migram em rodopio; sem direção favorável aparente, andam à deriva entre tempos e entre espaços sob o signo da dor e do conflito. Luís Cardoso resgata a temática da migração, fenómeno especialmente denso a partir do início do século XX até aos dias de hoje, entretecendo-a com o poder imagético de lendas nativas e da própria história de Timor.

A temática da viagem permite ao narrador e, conseqüentemente, às personagens, resgatar as memórias e pôr em evidência os sortilégios da historiografia e da cultura autóctone. Pela deslocação se apresentam e se confrontam as personagens nas suas

diferentes crenças, atitudes e latitudes. Alegoricamente, as figuras adquirem traços peregrinos, de navegantes, de marinheiros, de viajantes em busca de um bem-estar, mas sem aparente sucesso. Conforme sumaria uma personagem cardosiana: “Aqui somos todos uns náufragos que fazemos tudo para continuar à tona da água” (Cardoso 2013, p. 103).

Neste quadro, a escrita de Cardoso cumpre algo de importante ao dar resposta ao apelo de Eduardo Lourenço que incita os países a refletirem sobre a glosa da emigração. No entender do ensaísta português, “as nações emigrantes não podem assumir positivamente – salvo através de dispositivos complexos de ocultação – o fenómeno da emigração. Todos sabem que se trata de uma perda de substância do seu ser, uma hemorragia” (Lourenço 1999, p. 48). De facto, pela leitura das obras de Luís Cardoso são revisitadas todas as condições que potenciaram o fenómeno e são contextualizadas experiências timorenses de aculturação, de desterritorialização e de reterritorialização – apresentadas em diferentes latitudes, tempos e vozes. O exercício é feito a partir de diferentes pontos de partida e refletindo sobre os possíveis destinos nacionais.

Para que o discurso literário e a reflexão sobre a migração se concretizem na totalidade, deve cumprir-se o carácter dialógico das obras e o leitor terá, ele próprio, que participar nesta viagem metafórica na qual se constrói como conhecedor do universo timorense e da sua experiência.

Referências

- André, J. M. (2005). *Diálogo intercultural, utopia e mestiçagens em tempos de globalização*. Coimbra: Ariadne.
- Augé, M. (2012). *Não lugares*. Campinas: Papyrus.
- Bennett, D. (2005). Getting beyond binaries: Polybridty in contemporary Canadian literature. In C. Kanaganayakam (Ed.), *Movable margins: The shifting spaces of Canadian Literature* (pp. 9–25). Toronto: Tsar Publications.
- Bornstein, M. (2013). Psychological acculturation: Perspectives, principles, processes and prospects. In S. Gold & S. Nawyn (Eds.), *Routledge international handbook of migration studies* (pp. 38–51). New York: Routledge.
- Caragea, M. (2010). S.v. Metaficção historiográfica. In C. Ceia (Coord.), *E-dicionário de termos literários* (EDTL). Consultado a 01-01-2021.
- Cardoso, L. (1997). *Crónica de uma travessia: A época do ai-dik-funam*. Lisboa: Dom Quixote.
- Cardoso, L. (2001). *Olhos de coruja, olhos de gato bravo*. Lisboa: Dom Quixote.
- Cardoso, L. (2003). *A última morte do coronel Santiago*. Lisboa: Dom Quixote.
- Cardoso, L. (2007). *Requiem para o navegador solitário*. Lisboa: Dom Quixote.
- Cardoso, L. (2013). *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*. Porto: Sextante Editora.
- Cardoso, L. (2017). *Para onde vão os gatos quando morrem?* Porto: Sextante Editora Cardoso.
- Cardoso, L. (2020). *O plantador de abóboras*. Lisboa: Abysmo.
- Cunha, T. (2006). *Vozes das mulheres de Timor-Leste*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Cunha, T. (2016). Timor-Leste: A nação delas. In R. G. Feijó (Ed.), *Timor-Leste: Colonialismo, descolonização, lusotopia* (pp. 461–475). Porto: Ed. Afrontamento.
- d’Alte, P. (2014). *Caleidoscópio literário: A representação romanesca em Luís Cardoso* (Dissertação de mestrado, Universidade Aberta, Lisboa).
- d’Alte, P. (2019). A cosmogonia oculta timorense e o mundo literário de Luís Cardoso. Olhares que se cruzam. *E-revista de Estudos interculturais do CEI-ISCAP*, 7(2), 1–17.

- d'Alte, P. (2020). Circum-navegação e Timor. Leituras literárias da casa sagrada timorense, Luís Cardoso e Pigafetta. *E-revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP*, 8(1), 1–16.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1997). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34.
- Duarte, J. B. (1984). *Timor, ritos e mitos atáiros*. Lisboa: ICLP.
- Durand, G. (2002). *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Engelenhoven, A. (2011). Observações sobre narrações orais em Tutuala (Timor-Leste) e no Sudoeste das Molucas (Indonésia). In K. Silva & L. Sousa (Orgs.), *Ita maun alin... o livro do irmão mais novo: Afinidades antropológicas em torno de Timor-Leste* (pp. 133–153). Lisboa: Ed. Colibri.
- Fernandes, R. M. (1993). Catábase ou descida aos infernos: alguns exemplos literários. *HVMANITAS*, XLV, 347–359.
- Hicks, D. (1988). Masks and metaphysical truths: intimation from Timor. *American Anthropologist*, 90, 807–817.
- Hutcheon, L. (1980). *Narcissistic narrative: The metafictional paradox*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press.
- Levinas, E. (1969). *Totality and Infinity: An essay on exteriority*. Pittsburg: Duquesne University Press.
- Little, P. (1994). Espaço, memória e migração: por uma teoria da reterritorialização. *Textos de História*, 2(4), 5–25.
- Löschnigg, M. (2018). No center and no margins. Narrativizing return journeys in Works by M. G. Vassanji, Michael Ondaatje and Rohinton Mistry. In D. Dwivedi, H. Nielsen & R. Walsh (Eds.), *Narratology and Ideology. Negotiating context, form and theory in postcolonial narratives* (pp. 55–73). Ohio: Ohio State University Press.
- Lourenço, E. (1999). *A Nau de Ícaro. Imagem e miragem da lusofonia*. Lisboa: Gradiva.
- Malato, M. L. (2019). A literatura-mundo e *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*. *Acta lassysensia comparationis*, 2019, 61–72. <https://doi.org/10.47743/aic-2019-3-0007>
- Millar, C. (2021). Beloved land, beloved Family: The role of welfare in Timorese migration to England. In O. Ryndyk & B. Odden (Eds.), *Migration to and from Welfare States. Lived experiences of the Welfare-Migration nexus in a globalized world* (pp. 197–217). Switzerland: Springer.
- Paulino, V. (2012). Remembering the Portuguese presence in Timor and its contribution to the making of Timor's national and cultural identity. In L. Jarnagin (Ed.), *Culture and identity in the Luso-Asian world* (pp. 88–111). Singapore: Institute of Southeast Asian Studies.
- Pigafetta, A. (ca. 1525). *Journal of Magellan's Voyage* [manuscrito original]. Digital Collections. Yale University.
- Ramon, M. (2014). Contributos para a constituição de um cânone lusófono: Timor-Leste no contexto da produção literária em língua portuguesa. In M. Lemos Martins et al. (Eds.), *Interfaces da lusofonia* (pp. 5–25). Braga: CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- Ramos, A. M. (2012). Literatura timorense: Da emergência à legitimação. *Caderno Seminal Digital*, 18, 149–160. <https://doi.org/10.12957/cadsem.2012.11884>
- Ramos, A. M. (2018). Literatura timorense em língua portuguesa: os caminhos da consolidação. *Boletín Galego de Literatura*, 52(1), 5–20. <https://doi.org/10.15304/bgl.52.4539>
- Roditi, E. (1989). *Magalhães do Pacífico*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Said, E. (2000). *Reflections on exile and other Literary and Culture essays*. London: Granta.
- Scholes, R. (1989). *Protocolos de leitura*. Lisboa: Edições 70.
- Seixas, P. & Engelenhoven, A. (Eds.) (2006). *Diversidade cultural na construção da Nação e do Estado em Timor-Leste*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Taylor, J. (2003). 'Encirclement and annihilation': the Indonesian occupation of East Timor. In R. Gellately & B. Kiernan (Eds.). *The specter of genocide. Mass murder in historical perspective* (pp. 163–186). New York: Cambridge University Press.
- Traube, E. (2007). Unpaid wages: Local narratives and the imagination of the nation. *Asia Pacific Journal of Anthropology*, 8, 9–25. <https://doi.org/10.1080/14442210601161724>

- Tsuda, T. & Baker, J. (2015). Migration and disruptions from Prehistory to the Present. In B. Baker & T. Tsuda (Eds.), *Migration and disruptions. Toward an unifying theory of ancient and contemporary migrations* (pp. 296–332). Florida: University Press of Florida.
- Tutikian, J. (2006). Lucas Santiago: Uma personagem pós-colonial. *Letras de Hoje*, 41(3), 149–158.
- Tyson, L. (2006). *Critical theory today – A user-friendly guide*. New York: Routledge.
- Venâncio, J. C. (2008). A literatura macaense e a obra de Henrique de Senna Fernandes. Um olhar histórico-sociológico. *Revista de História das Ideias*, 29, 691–702.
- Walsh, R. (2007). *The rhetoric of fictionality: Narrative theory and the idea of fiction*. Columbus: The Ohio State University Press.

[submetido em 4 de fevereiro e aprovado para publicação em 20 de dezembro de 2021]